

## EMANCIPAÇÃO, TECNOLOGIAS DIGITAIS E ESCOLA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NUMA CLASSE DE ACELERAÇÃO

Victoria Vianna Barbosa, Tatiane Moreira Antunes Silva; Lucas Lima Coaracy ; Leidiane Telles Baiense; Walcéa Barreto Alves (Orientadora)

*Universidade Federal Fluminense, walcea@yahoo.com.br*

### **Introdução**

Este trabalho consiste nas análises iniciais relativas ao trabalho de campo realizado no contexto da pesquisa intitulada: “Representações Sociais, Tecnologias Digitais e o Contemporâneo: investigando a escola”, realizada pelo Núcleo de Estudos Contemporâneos em Educação, Etnografia e Representações Sociais (NECEERS/UFF). O objeto da investigação consiste no estudo das representações sociais (MOSCOVICI, 1978; 2003) circulantes no ambiente escolar permeadas pelos usos e conceitos relacionados à tecnologia digital no contexto da contemporaneidade. Tem como princípio investigativo a perspectiva “*bottom-up*”, consistindo numa inversão piramidal do olhar *com* o outro, analisando as questões educacionais da base (o aluno) para o topo (gestores educacionais), buscando as significações sobre a escola, o papel do uso das tecnologias digitais e suas repercussões nos processos de interação, nos processos cognitivos de construção e produção de conhecimento e nas práticas educativas. A abordagem metodológica da pesquisa se desenvolverá baseada na perspectiva multimétodos de investigação (*mixed research*) (GÜNTHER et al., 2008; JOHNSON e ONWUEGBUZIE, 2004), sendo a abordagem etnográfica o eixo teórico-metodológico principal (MATTOS, 2001, 2006, 2009). As etapas da realização do trabalho de campo serão desenvolvidas mediante análise bibliográfica, observação participante, aplicação de questionário de evocação livre, entrevista etnográfica, grupo focal, gravações de áudio e vídeo. A análise dos dados se fundamentará nas dimensões das representações sociais: a atitude, a informação e o campo de representação, empregando-se a metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2009).

### **Metodologia**

A metodologia utilizada para a construção deste trabalho foi a de análise bibliográfica concomitante ao processo de investigação iniciado no primeiro semestre de 2017, mediante a observação participante numa escola da rede municipal de Niterói, RJ. A observação participante consiste no contato direto do pesquisador com o campo, que se constitui numa inserção

no *locus* de estudo a fim de se compreender e descrever as situações vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa (MATTOS, 2001). No que tange aos preceitos metodológicos da abordagem etnográfica, permite uma visão do campo das representações, do “texto e do contexto” dos indivíduos e do meio em que estão inseridos. Como elemento inerente à imersão no campo e observação, está a “descrição densa” dos fatos ocorridos (GEERTZ, 1989). O produto dessa descrição – as notas de campo – contém as informações pertinentes ao campo, o relato dos acontecimentos e as impressões do pesquisador. A observação participante imprime um envolvimento do pesquisador com a realidade a ser estudada, no sentido de se perceber as trocas simbólicas e de se compreender os significados que pertencem ao campo de pesquisa. Dessa imersão no campo se produzem dados mais próximos aos significados locais. Diante da realidade multifacetada do contexto da observação, o pesquisador assume-se enquanto ouvinte, no sentido de captar as experiências vivenciadas pelos sujeitos a partir de sua própria fala e de seus comportamentos, buscando refletir sobre o campo a partir das interações estabelecidas (ALVES, 2003). Neste sentido, a relevância da pesquisa etnográfica está em possibilitar a compreensão da vida social do ponto de vista das pessoas que ali vivem. A necessidade de se entropor em um meio social, em outra realidade, exige cautela para que os valores pessoais não interfiram na pesquisa. A observação é o primeiro ponto de partida, seguido dos demais instrumentos metodológicos, que ficam a cargo da escolha do pesquisador em consonância com o delineamento do seu objeto de estudo e do escopo da pesquisa.

## **Resultados e Discussão**

As análises aqui apresentadas se orientarão baseadas em três dimensões: a metodológica – refletindo sobre a abordagem etnográfica no processo da pesquisa em andamento; a do campo representacional – breve análise e contextualização do grupo pesquisado; e a informacional - as relações entre a concepção de emancipação em interface com as tecnologias digitais e com a escola.

No que tange à dimensão metodológica, considera-se que este como um estudo etnográfico, mesmo que imerso e multifacetado pela perspectiva da abordagem multimétodos (delineamento necessário para se atender às características intrínsecas ao objeto de estudo). Em termos de prática de pesquisa, a imersão inicial no campo tem ocorrido mediante a observação participante, por excelência, da sala de aula e dos demais espaços escolares – sala dos professores, pátio da escola, sala de informática, refeitório, etc. As idas a campo ocorrem ordinariamente uma vez por semana, delimitando-se ao turno matutino, horário em que, na instituição pesquisada, se realizam as aulas do segundo segmento do Ensino Fundamental. No momento, estão realizando a pesquisa de campo

dois pesquisadores (a coordenadora do projeto e um assistente de pesquisa). Estrategicamente, ao iniciar a observação em uma sala de aula, optou-se pelo posicionamento do pesquisador na parte posterior às mesas dos alunos, de forma a possibilitar uma visão mais ampla, a fim de se obter condições favoráveis a um registro detalhado das ações no ambiente. Este posicionamento também permite maior “reserva” em relação à presença do pesquisador em sala, o que propõe a prerrogativa de se respeitar, o máximo possível, a organização espacial da sala de aula. Mediante as descrições feitas nos cadernos de campo, denota-se que o posicionamento dos alunos e dos professores consiste, também, num dado relevante para o entendimento da configuração do contexto de pesquisa. Observa-se que durante o turno, os discentes vão se movimentando pela sala, por vezes, para se relacionar uns com os outros, estabelecendo diálogos entre si; para se dirigir ao quadro ou ao professor, para compartilhar exercícios desenvolvidos nos cadernos, para olhar o espaço externo à sala de aula pela janela, assim como para compartilharem – quando é possível, mesmo que num ato fugidio – a visualização de uma mensagem que está na tela dos celulares, uma postagem no *facebook*, vídeos, fotos ou, até mesmo o compartilhamento de fones de ouvido (será que podemos entender esses movimentos também como simbolicamente semelhantes ao ato de ir até a janela?).

Ainda na dimensão metodológica, pontua-se a questão primordial que se reflete na intencionalidade da investigação: a abordagem “*bottom up*”, que privilegia a voz de alunos e alunas em suas significações sobre a escola, o uso das tecnologias digitais na contemporaneidade e suas repercussões nos processos de interação, nos processos cognitivos de construção e produção de conhecimento e nas práticas educativas. Essa abordagem parte do princípio de se estudar o universo do campo de estudo numa visão de baixo para cima. Neste sentido, o enfoque metodológico está em ouvir a voz do aluno para, posteriormente, analisar as configurações de sua fala nos contextos mais ascendentes da estrutura piramidal da instituição escolar. O intuito consiste em promover uma comunicação dialógica entre os componentes do universo pesquisado. O processo “*bottom up*” constitui-se enquanto prática dialética de conversação promovida pelo pesquisador. Esta perspectiva coloca em primeiro plano a ótica do aluno, no entanto, a realidade escolar envolve também as relações e visões dos demais atores sociais que a compõem: professores e demais profissionais e sujeitos que convivem e intervêm, ou influenciam a dinâmica do cotidiano da escola. A investigação, a escrita e a análise dos dados, neste sentido, não se restringe a uma perspectiva unilateral (a visão do aluno), mas busca dialetizar as vivências e falas dinamizadas pelos indivíduos que compõem este espaço.

Na dimensão do campo representacional, contextualiza-se o grupo pesquisado e sua inserção na instituição escolar e no processo de investigação. Os participantes primários da pesquisa são alunos que compõem a “Classe de Aceleração 3A” e tem idade entre 14 e 17 anos.

O Projeto de Classes de Aceleração surge a partir do “Programa de Aceleração da Aprendizagem” desenvolvido pelo MEC, no final da década de 90, que preconiza a melhoria de condições de recuperação de alunos em situação de defasagem na aprendizagem e em relação à idade/série. Hanff, Barbosa e Koch (2002), a partir do texto: “Classes de Aceleração: “Pedagogia” da inclusão ou da exclusão? ”, problematizam a implementação do projeto em Santa Catarina, pontuando que “a ausência de estrutura adequada, professores sem qualificação/preparo, aliados aos demais fatores de degradação social, descartam as condições objetivas de inclusão daqueles que estão defasados em seu percurso escolar. ” (p.14).

Dentro desse contexto analisado, surge a reflexão sobre como essa medida se desenvolve na prática: seria uma ferramenta de exclusão ou de fato estaria auxiliando no processo de formação do aluno numa perspectiva inclusiva?

O que se tem denotado a partir das observações realizadas, é que o projeto de Classes de Aceleração continua sendo uma incógnita quanto ao seu efetivo propósito no contexto da prática escolar, o que foi denotado a partir das falas dos professores no Conselho de Classe ao compartilharem suas impressões sobre essas classes. Em paralelo, observa-se nas salas de aula a desmotivação de grande parte dos alunos em acompanhar as dinâmicas propostas pelos professores, o que se reflete na quantidade de faltas, no baixo rendimento escolar e na pouca interatividade com as disciplinas.

A classe de Aceleração 3A que acompanhamos participa de um projeto de robótica educacional fomentado pela Fundação Municipal de Educação de Niterói e realizada pela professora de Artes da escola. Nesta interface dimensionamos nosso questionamento sobre o envolvimento desses alunos com o processo da tecnologia desenvolvida pela escola e nos seus próprios usos cotidianos. As reflexões e análises sobre essa conjuntura ainda estão em processo, mas reconhecemos como relevante a reflexão sobre o acesso às tecnologias como ferramenta de integração e colaboração, que consideramos intimamente lidada ao conceito de emancipação. O acesso às tecnologias digitais no contexto educacional e no cotidiano têm o potencial de proporcionar uma reorganização das relações sociais, rumo a um processo de cidadania crítica, emancipação e autonomia? Como se dá essa dinâmica num contexto de alunos de uma Classe de

Aceleração, que, por sua própria constituição vem carregada de estigmas ligados à exclusão e anomia?

Dentro desse contexto de emancipação, nos deparamos com a realidade encontrada por alunos e professores diante de uma incompatibilidade entre o que se apresenta enquanto uso cotidiano das tecnologias digitais dentro e fora da sala de aula.

Desenvolvendo A dimensão que denominamos informacional no contexto da pesquisa, trazemos as contribuições de Santos e Weber (2013), que nos trazem a compreensão de que “Vivenciamos uma nova relação entre o que chamamos de tecnologias digitais em rede e os processos de comunicação, potencializados pelos usos dos dispositivos móveis, redimensionando os espaços urbanos.” (SANTOS e WEBER, 2013, p.287). As autoras trazem o conceito da mobilidade e da ubiquidade como elementos inerentes ao uso das tecnologias na contemporaneidade, fato que se insere visivelmente no cotidiano das relações humanas e, nesse contexto, nos processos ocorridos no interior das escolas. Nesse sentido, apontam também para o fato de que há outras temporalidades vivenciadas e pelos sujeitos, em especial nos aspectos comunicacionais, no que diz respeito à tecnologia, o que é colocado em escala ainda mais acessível e em grande escala mediante a utilização dos dispositivos móveis.

O celular pode entrar na escola? Quais são os espaços e tempo onde ele entra, onde ele é permitido? Este dispositivo articulado à ideia do uso das redes sociais e da intercomunicabilidade, pode atuar enquanto processo de alienação ou de emancipação? Questões como essas vêm apontar para dados que precisam ser problematizados no cenário educacional contemporâneo.

As autoras também apontam para uma mudança dos espaços-tempos de aprendizagem provocada pela ubiquidade da tecnologia em rede. O conceito de ubiquidade, entende-se como “uma habilidade de comunicação a qualquer tempo e hora, por meio de dispositivos móveis dispersos pelo meio ambiente.” (SANTOS e WEBER, 2013, p.289).

Nesse sentido, haveria alguma possibilidade da escola se pensar em outro lugar no processo de aprendizagem do aluno? Pode a escola abrir mão da regulação e enfrentar os novos desafios de uma educação que vá para além dos aspectos e conteúdos oferecidos, permitindo maior dialogicidade e construção de estratégias que promovam a construção de conhecimento?

## **Conclusões**

Diante da realidade vivida e percebida pelo grupo nesse recorte, nos indagamos sobre alguns aspectos como: cidadania, emancipação, produção de conhecimento e cultura. Qual o tipo de

interação realizada nesse espaço de sala de aula? Qual o papel e como se dá o uso das tecnologias digitais no processo de formação do indivíduo? E, sobretudo, qual o lugar ocupado por esses estudantes na sociedade?

A pesquisa ora apresentada e em percurso de desenvolvimento busca encontrar respostas a essas e outras indagações, partindo do referencial de escuta do próprio participante da pesquisa, no sentido de encontrar as significações que emergem do campo configurando a relação entre o papel das tecnologias digitais na contemporaneidade, suas relações com a escola e a emancipação dos atores sociais que compõem o contexto escolar – em proeminência, o aluno.

### Referências

ALVES, Walcéa Barreto. **A Reflexividade na Pesquisa Etnográfica**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GÜNTHER, H. , ELALI, G.A. e PINHEIRO, J.Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In: GÜNTHER, H. e PINHEIRO, J.Q. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. Disponível em: <[www.psi-ambiental.net/XTextos/20MultiMetodo.pdf](http://www.psi-ambiental.net/XTextos/20MultiMetodo.pdf)>. Acessado em 11 de Outubro de 2017.

HANFF, B.B.C, BARBOSA, R., KOCH, Z.M. Classes de Aceleração : “Pedagogia” da inclusão ou da exclusão? **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 3/4, p. 027-046, 2002.

JOHNSON, B., & ONWUEGBUZIE, A. Mixed methods research: A research paradigm whose time has come. **Educational Researcher**, 33, 2004, p.14-26. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3102/0013189X033007014>>. Acessado em 11 de Outubro de 2017.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Revista Espaço (INES)**, n. 16, p. 42-59, jul-dez. 2001.

\_\_\_\_\_. **Estudos Etnográficos da educação**: uma revisão de tendências no Brasil. Educação em Foco (Juiz de Fora), v. 2, p. 39-57. 2006.

\_\_\_\_\_. **Etnografias na escola**: duas décadas de pesquisa sobre o fracasso escolar no ensino fundamental. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de e FONTOURA, Helena Amaral de (Orgs). Etnografia e Educação: Relatos de Pesquisa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: GUARESCHI, Pedrinho & JOCHELOVICH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. O fenômeno das representações sociais. In: G. Duveen (Org.). **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.29-109.

SANTOS, Edméa; WEBER, A. Educação e cibercultura. **Revista Diálogo e Educação**., Curitiba, v. 13, n. 38, p. 285-302, jan./abr. 2013.

